

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Pedro Willian Dourado Teixeira

**Informação, mensagem e o ser na perspectiva da digitabilidade em  
Rafael Capurro**

Brasília  
2014

Pedro Willian Dourado Teixeira

**Informação, mensagem e o ser na perspectiva da digitabilidade em  
Rafael Capurro**

Monografia apresentada ao curso de  
graduação em Filosofia da Universidade de Brasília  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Marcos Aurélio Fernandes

Brasília  
2014

**Pedro Willian Dourado Teixeira**

**Informação, mensagem e o ser na perspectiva da digitabilidade em  
Rafael Capurro**

Monografia apresentada ao curso de  
graduação em Filosofia da Universidade de Brasília  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Marcos Aurélio Fernandes

Aprovada em \_\_/\_\_/\_\_\_\_

**Banca examinadora**

---

Dr. Marcos Aurélio Fernandes (Orientador)

---

Dr. Samir Bezerra Gorsky

## **AGRADECIMENTOS**

É necessário agradecer particularmente ao professor Marcos Aurélio que não somente me orientou, mas apoiou e ajudou constantemente em todos os momentos da construção deste trabalho, com empenho e dedicação jamais imaginado. Ao senhor, muito obrigado.

Agradeço também aos professores Samir Gorsky, Rodrigo Barbosa e Hilan Bensusan que me receberam muito bem em todos os momentos todas as fases de desenvolvimento deste trabalho.

É preciso lembrar de todos os amigos que junto ao meu lado estiveram presentes em todas as minhas construções, Daniel, Davi, Hudson, Susan, Ananda, Carlos, Claudia e Renan, Stenio, Geraldelli e Tobias.

Agradeço aos meus pais e minha irmã que se dedicam todos os dias pela minha formação e pelo meu bem. Dedico também esse trabalho aos meus avós.

E a Bárbara Camile, minha noiva, que sempre me deu parte de sua vida para que todos os meus projetos se concretizassem, um eterno agradecimento.

*No princípio havia a informação. O verbo veio depois.*

Dretske

## RESUMO

As pretensões desse trabalho são, embora breves, analisar as relevantes questões a respeito do atual campo da filosofia da informação tendo como base os trabalhos e propostas de Rafael Capurro. Aqui será encontrado primeiramente um aporte sobre a significação e o uso da palavra informação desde as suas origens latinas juntamente com uma sucinta explanação entorno das primeiras teorias informacionais. Em seguida uma apresentação a respeito das propostas de Rafael Capurro sobre suas teorias da angelética junto a hermenêutica e suas implicações. Por fim uma breve apresentação da perspectiva hermenêutica e ontológica no meio digital.

**Palavras-chave:** Filosofia da informação, Angelética, Hermenêutica, Digital, Rafael Capurro.

## **ABSTRACT**

The pretensions of this work are, though brief, examine the relevant issues concerning the current field of philosophy of information based on the work and proposals of Rafael Capurro. Here will be found primarily a contribution on the meaning and the use of the word information from its Latin origins along with a brief explanation surrounding the first informational theories. Then a presentation on the proposals of Rafael Capurro on his theories of angeletics together hermeneutics and its implications. Finally a brief presentation of hermeneutics and ontological perspective on digital means.

**Keywords:** Philosophy of information, Angeletics, Hermeneutics, Digital, Rafael Capurro.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>1.1 – A informação da antiguidade a atualidade.....</b>	<b>10</b>
<b>1.2 – A informação dos gregos e latinos .....</b>	<b>11</b>
<b>1.3 – A informação no século de Shannon.....</b>	<b>15</b>
<b>1.4 – As atuais contribuições.....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>2.1 – Os paradigmas informacionais na visão de Rafael Capurro.....</b>	<b>22</b>
<b>2.2 – Angelética: A teoria da mensagem e dos mensageiros de Rafael Capurro.....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>3.1 A hermenêutica Digital.....</b>	<b>32</b>
<b>3.2 Ontologia Digital .....</b>	<b>34</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>37</b>



## INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de um particular interesse a respeito de como no atual estado da sociedade e do mundo, conhecido como a Era da Informação, a filosofia a partir de seu ponto de vista encara as diversas e novas questões e o que isso representa para o ser-atual. Embora os usos de tais técnicas eram originalmente voltados para os campos científicos, hoje são suporte para diversas atividades cotidianas que acabaram ajudando a moldar uma nova perspectiva de interpretação do ser.

As principais investigações filosóficas sobre a temática da informação acabaram voltadas para as questões éticas, respondendo ou indicando propostas, para problemas como privacidade ou devido uso das informações disponíveis em um mundo de *hiperregistros*. Entretanto também foi desenvolvido na relação de pós-humanismo sobre um novo caráter de cibernética ou questões da mente e da linguagem. Mas são nos últimos dez anos que algumas novas perspectivas são colocadas em jogo devido a propriedade que a informação tem de moldar o ser, os horizontes da metafísica e da ontologia foram cada vez mais ganhando espaço nessas discursões informacionais.

Acredito na representatividade de dois nomes para a atual filosofia da informação, Luciano Floridi e Rafael Capurro, não por uma situação de *mainstream* filosófico, mas por duas perspectivas diferentes sob um mesmo aspecto, a informação moldando o ser-atual. Embora o pensamento de Floridi seja muito rico, principalmente analiticamente, é o de Rafael Capurro que no momento prende a atenção em um caráter filosófico mais próximo dos meus estudos.

## CÁPITULO 1

### 1.1 – A informação da antiguidade a atualidade

Pensar a informação filosoficamente é uma atividade que em si já apresenta total persuasão da sua necessidade. Encarar o mundo atual sem pensar na questão informacional é olhar para ele de olhos fechados, ou melhor, para uma tela apagada. Entretanto a dificuldade se encontra na pergunta por onde começar a pensar a informação, pois num primeiro instante o termo “informação” se apresenta como múltiplo em toda a sua concepção. Delimitar o caminho e decidir qual seria o melhor para essa questão talvez se apresente como tarefa ainda mais árdua.

Com a necessidade de um ponto de partida, o que aparenta como ideal nesse caso será encarar a informação antes de tudo pelo caminho histórico. A história da informação é a cada segundo e a cada bit construída, o olhar para trás fornece não somente curiosidades sobre como o desenvolvimento informacional ganhou propriedade, mas também convida a encarar tais propriedades como fundamentos para os futuros estudos sobre a informação em qualquer campo do saber.

Certamente que não se pode determinar na história um ponto inicial que diz “aqui se instaura a criação da informação, e que adiante irá se aprimorar e modificar toda a estrutura da sociedade e do mundo” mas pode-se reconhecer alguns pontos como marcos fundamentais no desenvolvimento da teoria da informação. O nome que serve como um desses marcos é o de Claude Shannon. O que não significa que anteriormente não houvesse informação, entretanto Shannon é um ponto crucial para toda uma compreensão hipermoderna de informação.

Todo o desenvolvimento pós-Shannon certamente surgiu exponencialmente maior qualitativamente e quantitativamente num espaço de tempo surpreendentemente pequeno, marca registrada do desenvolvimento técnico-informacional a qual na expressão da lei de Moore, o poder de processamento dos computadores dobra a cada dezoito meses, o que aumenta o fluxo informacional e a sua velocidade de transmissão. Entretanto não significa que antes de Shannon o

mundo era um vazio informacional. O fato de não se possuir *push*<sup>1</sup> via um *feed*<sup>2</sup> de notícias a cada dez segundos não significa que o mundo sempre foi estático. Na verdade para que essas notificações ocorressem muito teve que ser desenvolvido, mesmo antes de Shannon.

## 1.2 – A informação dos gregos e latinos

A palavra informação tem suas raízes no latim, entretanto parte do seu uso estava relacionado com uma associação a tradução de palavras gregas *eidōs* e *morphe*,<sup>3</sup> as quais da maneira em que seus sentidos eram utilizados representariam um tipo de conceito de informação – em sua gênese, a qual hoje já não é mais possível arcar com as mesmas atribuições feitas no uso da palavra; uma vez que se fragmentou os sentidos originários da palavra para um conglomerado de noções acerca da palavra informação.

Compreender a palavra *morphe* na filosofia é compreender também *eidōs*. Uma vez que na história da tradição filosófica grega *morphe* e *eidōs* são sinônimos restritos. Os dicionários filosóficos definem tais termos da seguinte maneira; O vocabulário grego da filosofia traduz *morphe* por forma e o Dicionário de Filosofia de Abbagnano diz sobre forma no pensamento antigo o seguinte:

“Essência necessária ou substância das coisas que têm matéria. Nesse sentido, que está presente em Aristóteles, F. não só se opõe a matéria, mas a pressupõe. Aristóteles usa, portanto, esse termo com referência às coisas naturais que são compostas de matéria e F., [...]Os escolásticos não se ativeram rigorosamente a essa terminologia aristotélica e estenderam o termo

---

<sup>1</sup> A definição de Push encontrada diz: “A tecnologia push também é conhecida como webcasting, é um sistema de distribuição de conteúdo da Internet em que a informação sai de um servidor para um cliente, com base em uma série de parâmetros estabelecidos pelo cliente, também chamado de "assinatura". Um usuário comum pode assinar vários tópicos de informação de um provedor de conteúdo e, a cada vez que uma nova atualização é gerada pelo servidor, essa atualização é "empurrada" para o computador do usuário, daí o nome ("push", em inglês, significa "empurrar"). Esta forma de distribuição de conteúdo é distinta do uso comum da Web, uma vez que nesse caso a informação é procurada pelo usuário em um servidor.” (wikipedia.org/wiki/Tecnologia\_Push. Acesso em 2014)

<sup>2</sup> A definição de Feed encontrada diz: “Web Feed (vindo do verbo em inglês "alimentar") é um formato de dados usado em formas de comunicação com conteúdo atualizado frequentemente, como sites (sítios) de notícias ou blogs. Distribuidores de informação, blogueiros ou canais de notícias disponibilizam um feed ao qual usuários podem se inscrever, no formato de um link. Outros formatos de dado possíveis de serem comunicados por feeds são arquivos de áudio, podcasts e vídeos.”. (wikipedia.org/wiki/Feed. Acesso em 2014)

<sup>3</sup> Uma breve explanação sobre os termos será feita logo em seguida, entretanto para uma análise mais detalhada do uso destas palavras e na sua transformação até a palavra informação tal como utilizada hoje consultar a tese de Rafael Capurro; Information - Ein Beitrag zur etymologischen und ideengeschichtlichen Begründung des Informationsbegriffs.

F. a qualquer substância, falando de "F. separadas" para indicar as idéias existentes na mente de Deus (ALBERTO MAGNO, S. Th., I, q. 6; S. TOMÁS, S. Th., I, q. 15 a. 1) e de "F. subsistentes" para indicar os anjos que não têm corpo e, portanto, não têm matéria (S. TOMÁS, S. Th., I, q. 50 a. 2)." (ABBAGNANO 2007)

Já *eidos* é traduzido pelo vocabulário grego da filosofia por essência, ideia, forma gênero ou espécie. Em Abbagnano *eidos* se apresenta da seguinte maneira:

“Este, que é um dos termos com que Platão indicava a idéia e Aristóteles a forma, é usado na filosofia contemporânea especialmente por Husserl para indicar a essência que se torna evidente mediante a redução fenomenológica [...] Para os significados clássicos dessa palavra, v. FORMA; IDÉIA; ESPÉCIE. (ABBAGNANO 2007)

Resta também trazer o sentido usual de ideia, mais uma vez retomando a brevidade de Abbagnano, tem-se dois principais sentidos para o uso da palavra ideia como apresentado a seguir:

“a I., como unidade visível na multiplicidade, tem caráter privilegiado em relação à multiplicidade, pelo que é frequentemente considerada a essência ou a substância do que é múltiplo e, por vezes, como o ideal ou o modelo dele. Este é, claramente, o ponto de vista de Platão, que, em Parmênides, atribui a Sócrates o conceito de que a I. é a unidade visível na multiplicidade dos objetos e, por isso, também a sua espécie (*eidos*). [...] Em outros termos, o status ontológico das I., se é que possuem algum, é o de todas as outras coisas: são reais porque são substâncias, não porque são unidades ou valores. Portanto, as I., como formas ou espécies, são certamente reais, segundo Aristóteles, mas são reais apenas na medida em que as formas ou espécies são a substância das coisas compostas (v. FORMA).” (ABBAGNANO 2007)

Por fim;

“A teoria das I. não tem mais validade para Aristóteles, no sentido de as idéias não constituírem substâncias privilegiadas e muito menos exemplares ou modelos das coisas. Contudo, atribui à palavra I. o mesmo significado que Platão lhe dera: unidade que é ao mesmo tempo perfeição ou valor.” (ABBAGNANO 2007)

Esses sentidos tiveram no latim algumas ressignificações ou melhor, um uso mais específico para uma variedade de sentidos, desde a literatura, passando pela

filosofia e teologia até a utilização nos inquéritos jurídicos. *Informatio* e *informo* no latim segundo o *Thesaurus Linguae Latinae* é usada desde antes de Cristo, como por exemplo na passagem do *De Oratore* de Cícero sobre a exposição de uma ideia contida em uma palavra “*unius verbi imagine totius sententiae informatio*”<sup>4</sup>, ou *informatum* em Virgílio (70-19 a.C.) nos versos da Eneida quando na produção das flechas de raio para Zeus. Também se encontra o uso da palavra informação na *De Trinitate* de Agostinho quando este se refere à percepção visual como o *informatio sensu* e na décima segunda epístola que diz: “*Quidquid autem per susceptum illum hominem gestum est, ad eruditionem informationemque nostram gestum est.*”<sup>5</sup>

A palavra informação também se acentua com um pouco mais de força já no fim da idade média devido à retomada do pensamento aristotélico pelos árabes como Arrevois apresentado no último estudo de Capurro “Apud Arabes, Note on greek, latin, arabic and persian root of the concept of information”<sup>6</sup>, e também Tomas de Aquino por exemplo quando aponta a “*informatio materiae*” na *Summa Theologiae* ao se referir a questões de que se os anjos podem interagir com a matéria: “*sic igitur omnis informatio materiae vel est a Deo immediate, vel ab aliquo agente corporali, non autem immediate ab angelo*”<sup>7</sup>. Duns Scotus também se refere a *informatio* quando se discute a teoria da visão de Agostinho no *De Trinitate*.

Desde modo deve-se observar que o uso corriqueiro da palavra informação num geral se refere na antiguidade a *dar forma a alguma coisa* – num geral a própria ideia, para isso três diferentes interpretações são relevantes; a utilização de informação como processo de ser informado; essa é o clássico sentido de que quando se reconhece no mundo algo tal como um objeto qualquer “*x*”, diz que a forma de “*x*” foi inserida em nossas mentes, abstraindo aquele objeto através de sua informação.

Um segundo aspecto é a informação como o estado de um agente; a saber como resultado de ser informado. Suponha que antes do encontro de tal objeto; “*x*”, não se soubesse o que este objeto era, daí então após fazer um curso sobre o objeto

<sup>4</sup> Cicero (55 BC). *De oratore* 2, 358

<sup>5</sup> *Scripta inter a. 389 et a. 391.*

<sup>6</sup> Esse interessante texto de Capurro foi lançado no decorrer do desenvolvimento deste trabalho, por isso não foi possível considerar muito, além de uma nota; refere-se a uma investigação do conceito de informação na idade média sob perspectiva dos árabes tal como Averrois que receberam a influência aristotélica e acabaram desempenhando um fundamental papel na filosofia medieval.

<sup>7</sup> *Summa Theologiae*: Volume 15, *The World Order*: 1a. 110-119

“*x*”, aprende-se tudo sobre “*x*”, pois bem, pode-se dizer então que depois disso tem-se as informações sobre todos os “*x*”, o que eles são, de que eles são, para que servem, o que leva por fim ao terceiro aspecto da informação como disposição para informar; ou seja quando um objeto possui capacidade para informar um agente, por exemplo o manual usado no curso de objetos “*x*” que contém as informações disponíveis para que se aprenda sobre os objetos “*x*”, no mesmo sentido em que alguém que aprendeu sobre os objetos “*x*” poderia também ensinar sobre eles.

Este rápido percurso do uso da palavra informação durante a antiguidade basicamente serve para demonstrar certos pontos de convergência e divergência do que se entende nos dias atuais por informação, evidentemente que muitos desses sentidos e significados foram perdidos ou remodelados, na já citada tese de Capurro – e de forma resumida no texto “Conceito de informação” – pode-se encontrar uma trilha que levou a todas essas mudanças no conceito de informação, partindo de três eixos da origem grega da palavra a compreensão de informação se deu num sentido ôntico, o qual informação se apresenta como um fazer, dar a forma a uma obra ou em um sentido do orgânico, o formar-se daquilo que é vivo. Em seguida num sentido ontológico o qual diz respeito da forma como princípio de ser, ou seja, em oposição e interação com a matéria. E por fim no sentido que mais prevaleceu, o epistemológico, o informar como conhecimento, dar forma à mente. Esta última perspectiva seguiu para uma formulação psicológica entre a comunicação dos saberes e por outro lado a formação do homem. A comunicação desses saberes é o traço mais próximo do sentido que se tem nos dias atuais em comunhão com o sentido usado pelos antigos. Entretanto com o desenvolvimento técnico-científico vários novos usos para informação foram concebidos e uma preocupação destes diversos significados foram questionados e resignificados efetivamente no século XX.

### 1.3 – A informação no século de Shannon

“At some time between 1928 and 1948, American engineers and mathematicians began to talk about ‘Theory of Information’ and ‘Information Theory.’.”(Yehoshua Bar-Hillel, 1955)

O fim do século XIX e início do século XX foi marcado por várias revoluções, científicas, tecnológicas e sociais. A transformação dos meios de transmissão de mensagens e informações se desenvolvem e se substituem a uma velocidade que antes nunca alcançada, os correios tinham sido ultrapassados pelos telégrafos que tinham sido ultrapassados pelos telefones e agora pelo rádio, cinema e televisão até a era da internet. A Informação tinha passado do aspecto intelecto-conceitual e estava numa dimensão social, os estudos em comunicação no século XX fundaram institutos e promoveram pesquisas. Saber lidar com dados era tão fundamental tanto para as cotações econômicas que alavancaria países quanto para as guerras que destruiriam os mesmos.

No desenvolvimento teórico de todas as novas mídias que surgiram durante o século XX, duas perspectivas foram cruciais na definição e no desenvolvimento das atuais estruturas, por um lado tem-se todo o aspecto da pesquisa no interesse humano e social da comunicação por outro lado uma preocupação técnico-físico sobre a mensagem, muitos dos teóricos do início do século se debruçaram sobre as duas perspectivas, são estudiosos das diversas áreas como pode-se observar na composição das conferências de Macy<sup>8</sup>, que em seus quase vinte anos de pesquisas que reuniu nomes como Gregory Bateson na antropologia, Paul Lazarsfeld sociólogo e Kurt Lewin psicólogo que contribuíram significativamente no campo da comunicação, o físico Donald MacKay e o biofísico Hainz von Foerster, os matemáticos John von Neuman, Nobert Wiener e claro, Claude Shannon.

No campo filosófico outra revolução também acontecia e que de certa maneira colocaria aos filósofos a questão informacional de maneira indireta e com um olhar

---

<sup>8</sup> As conferências de Macy foram reuniões coordenadas por Warren McCulloch no Hotel Beekman em Nova York, recebia dinheiro da fundação Josiah Macy Jr. – assim como outras pesquisas também recebiam dinheiro para pesquisas por parte de fundações, tal como a famosa fundação Rockefeller. McCulloch convidou especialista de várias áreas instituindo a regra da Arca de Noé e convidando dois especialistas da mesma área. Para um aprofundamento nesse interessante período da história das ciências e tecnologias da informação assim como a cibernética, sugiro a leitura do terceiro capítulo do livro *How Became Post Human* de Katherine Hayles, intitulado *Contesting for the Body of Information: The Macy Conferences on Cybernetics*.

analítico a uma certa distância, pois a essas questões também interessavam agora os matemáticos, os físicos engenheiros, teóricos da comunicação e da informação num geral. O processo analítico da filosofia possibilitara a “raciocinar a respeito do raciocínio” (GLEICK 2013). Russell e Whitehead propunham em 1910 o *Principia Mathematica* e junto a essa, uma evolução do sistema axiomático que pretendia fundir a matemática, a lógica dando-a um status de ciência primordial. O sistema de Russell e Whitehead era um projeto muito rigoroso e fechado, e que inconvenientemente apresentava alguns paradoxos. Esse projeto e esses paradoxos influenciaram Gödel a trabalhar e desenvolver um teorema próprio a respeito da incompletude, que iria propor um fim de problemas axiomáticos dos *Principias* mostrando que a matemática não poderia ser ao mesmo tempo completa e consistente.

Em 1933 Gödel estava então em Princeton, onde se encontravam o matemático John von Neumann – que também trabalhou e influenciou a teoria matemática informacional da época – e o recém chegado pós-doutorando Claude Shannon. Shannon sempre esteve interessando nas questões comunicacionais e informacionais. Em 1932 Shannon foi a Universidade de Michigan onde estudou engenharia e matemática, em seguida esteve no MIT, e depois Princeton. Com a aproximação da guerra Shannon foi trabalhar nos laboratórios Bell onde também se encontrava Alan Turing, personagem de grande importância para o que viria a ser a informática hoje, e embora Turing e Shannon tenham trabalhado no mesmo laboratório, por conta da guerra os dois nunca chegaram a compartilhar seus trabalhos, que eram tão próximos e poderiam ter reduzido muito tempo intermediário, Turing assim como Shannon trabalhava com criptografia e foi mérito seu a quebra do código do sistema alemão Enigma.

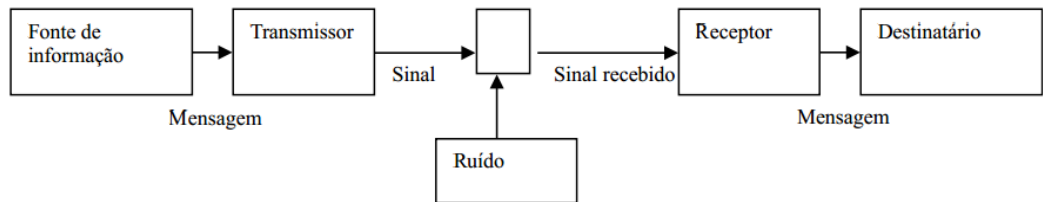
Entretanto foi Shannon que de certa maneira disse algo que o tornou o pai da teoria informacional<sup>9</sup>, embora sua tese leve o título de *Mathematical Theory of Communication* que por sua vez está mais próxima da informação como dado do que mensagem, justamente porque Shannon separa a informação do seu conteúdo semântico dando-lhe um valor numérico matemático baseado em probabilidade e

---

<sup>9</sup> “No decorrer das conferências (Macy), tornou-se habitual usar o termo novo, estranho e levemente suspeito conhecido como teoria da informação. Algumas das disciplinas se sentiam mais confortáveis do que outras. Não estava claro para ninguém onde a informação se encaixava em suas respectivas visões de mundo.” (GLEICK 2013)



valores de entropia na intenção de diminuir o que Shannon irá chamar de ruído, o seu clássico diagrama deixa sua teoria bem evidente:



A explicação deste simples diagrama corresponde em sua teoria de Shannon publicada em 1948 na Revista Técnica dos Sistemas Bell, James Gleick faz uma leitura mais simplificada da seguinte forma:

- “A fonte da informação é a pessoa ou a máquina geradora da mensagem, que pode ser simplesmente uma sequência de caracteres, como num telégrafo ou teletipo, ou ser expressa matematicamente como funções –  $f(x, y, t)$  – de tempo e outras variáveis. Num exemplo complexo como a televisão em cores, os componentes são três funções num continuum tridimensional, destacou Shannon.
- O transistor “realiza algum tipo de operação na mensagem” – ou seja, codificar a mensagem – para produzir um sinal adequado. Um telefone converte a pressão do som em corrente elétrica analógica. Um telégrafo codifica caracteres em pontos, traços e espaço. Mensagens mais complexas podem ser reduzidas a amostras, comprimidas, quantizadas e alternadas.
- O canal: “simplesmente o meio usado para transmitir o sinal”.
- O receptor inverte a operação do transmissor. Ele decodifica a mensagem, ou a reconstrói a partir do sinal.
- O destinatário “é a pessoa (ou coisa)” na outra extremidade.”

(Gleick 2013)

A teoria de Shannon sempre foi direcionada aos interesses técnico-físicos<sup>10</sup>, o que levou uma configuração da ciência da informação como resultado de operações lógicas, física e matemáticas aplicadas em processos tecnológicos da comunicação, essas contribuições acarretaram em um desenvolvimento o qual as preocupações

<sup>10</sup> Um ponto de vista a ser explorado no que diz respeito a teoria de Shannon junto aos estudos míticos e originários da palavra informação está na relação da noção de surpresa encontrada em sua teoria junto a uma interpretação do conceito de admiração tratado no Teeteto de Platão que se refere a um acontecimento próprio da filosofia, quando este traz a imagem da deusa Íris, símbolo da filosofia que nasce da admiração.

sociais de seus resultados são agora tão importantes quanto os próprios resultados. Mesmo as revoluções técnico-informacionais do início do século XX até a década de 50 não sofreram uma explosão em avanços e alcance como nos últimos 30 anos. Isso tudo devido a um novo conceito info-comunicacional que se tem tal como a internet. Esse fenômeno não envolve somente uma estrutura de rede comunicacional de alta velocidade como implica em uma variedade de questões, conceitos e paradigmas, técnico-científico e sócio-infomacional.

Uma das várias contraposições a teoria de Shannon que valem ser ressaltadas é a que Robert K Logan em seu livro *Que é Informação* apresenta como “A contrarrevolução de MacKay: onde está o significado na informação de Shannon?”. Um dos aspectos de maior crítica a teoria de Shannon está justamente a sua não preocupação ou melhor na desconsideração da semântica como ponto fundamental em sua teoria, já no início da *Mathematical Theory of Communication* Shannon diz:

O problema fundamental da comunicação é reproduzir exatamente ou aproximadamente em um ponto uma mensagem selecionada em outro ponto. Frequentemente as mensagens tem um significado, isto é, referem-se ou então estão correlacionadas a algum sistema com certas entidades físicas ou conceituais. Esses aspectos semânticos da comunicação são irrelevantes para o problema de engenharia. O aspecto significativo é que a mensagem real é selecionada de um conjunto de mensagens possíveis.<sup>11</sup> ( SHANNON 1948; grifo meu)

Na oitava conferência de Macy, três anos após a proposta de Shannon, Donald MacKay resistia a proposta do engenheiro, argumentando que não encontrava “muita conexão entre a noção de informação como usamos na engenharia de comunicação e o que estamos fazendo aqui [...] o problema não é tanto encontrar a melhor codificação de símbolos [...] mas determinar a questão semântica do que e para quem enviar”. (HEYLES 1999). De maneira que MacKay criticava Shannon na medida em que essa teoria não descrevia completamente a comunicação, propondo assim uma

---

<sup>11</sup> The fundamental problem of communication is that of reproducing at one point either exactly or approximately a message selected at another point. Frequently the messages have meaning; that is they refer to or are correlated according to some system with certain physical or conceptual entities. These semantic aspects of communication are irrelevant to the engineering problem. The significant aspect is that the actual message is one selected from a set of possible messages. (Shannon 1948)

informação estrutural, a qual envolvia semântica e sentido, como pode ser observado em uma citação do já comentado livro de Katherine Heyles:

“O primeiro movimento de MacKay foi livrar do rótulo de ‘subjéctiva’ a informação que afeta a mente do receptor. Ele propôs que tanto Shannon quanto Bavelas estavam preocupados com o que chamou de ‘informação seletiva’, que é a informação calculada considerando-se a seleção de elementos de mensagem de um conjunto. Mas a informação seletiva por si só não é suficiente; também é necessário um outro tipo de informação que ele chamou de ‘estrutural’. Informação estrutural indica como a informação seletiva deve ser compreendida; é uma mensagem sobre como interpretar uma mensagem – isto é, uma metacomunicação. (HEYLE 1999)<sup>12</sup>

#### 1.4 – As atuais contribuições

Depois de uma estruturação da informação nos meios técnicos e científicos os avanços nessas áreas superaram em um curto espaço de tempo toda a produção humana que demorou séculos para ser gerada. Evidentemente que a filosofia arriscou a incursão por este fenômeno que deu a sociedade atual o título de sociedade da informação. Os primeiros trabalhos que ganham a filosofia nesta nova virada estão voltados para as questões éticas relacionadas as informações digitais. Isso já é problemática suficiente para desenvolver e estruturar correntes filosóficas.

Ao se falar em filosofia da informação dois nomes aparecem em destaque<sup>13</sup> devido à estruturação de seus trabalhos, são eles, Rafael Capurro e Luciano Floridi. Capurro é uruguaio, estudou filosofia na Argentina e foi pesquisar sobre documentação na Alemanha onde obteve o seu doutorado com a tese “Information - Ein Beitrag zur etymologischen und ideengeschichtlichen Begründung des

---

<sup>12</sup> MacKay's first move was to rescue information that affected the receiver's mindset from the "subjective" label. He proposed that both Shannon and Bavelas were concerned with what he called "selective information," that is, information calculated by considering the selection of message elements from a set. But selective information alone is not enough; also required is another kind of information that he called "structural." Structural information indicates how selective information is to be understood; it is a message about how to interpret a message-that is, it is a metacommunication.

<sup>13</sup> O trabalho de Capurro e Floridi estão em evidencia entretanto o próprio Capurro fez um levantamento em seu seminário “Teorías de la información”(Montevideo 2014) que aponta a atualidade do tema em diversos outros pensadores como José María Díaz Nafría e a teoria crítica da informação, Peter Fleissner, Wolfgang Holflichner e o trilema de Capurro, a crítica ao pós-humanismo informacional de Katherine Hayles, a ontologia digital de Michael Eldred ou as contribuições de John Holgate.

Informationsbegriffs”<sup>14</sup> em seguida investigou no pós-doutorado a questão hermenêutica na informação que resultou na tese *Hermeneutik der Fachinformation*<sup>15</sup>. Floridi é professor em Oxford, italiano estudou filosofia em na Universidade de Roma La Sapienza e fez seu doutorado em na Universidade de Warwick.

Estes dois nomes trabalharam fundamentalmente com a questão ética na informação, entretanto o projeto ético filosófico necessitou de conceitualizações que a ciência e a tecnologia não puderam fornecer. A primeira questão que a virada filosófica informacional coloca é “que é a informação”. As informações têm em sua ideia uma mutabilidade perceptível desde os gregos até a metade do século XX e adiante no século XXI. Neste ponto a filosofia irá seguir por um lado a metafísica e o realismo informacional de Floridi por outro lado a ontologia e a hermenêutica digital de Capurro.

Floridi segue a ideia de que a filosofia da informação nada mais é do que uma pergunta pelo ser, de maneira que ele a estabelece como campo que se preocupa com os princípios e metodologias informacionais aplicadas a problemas filosóficos, desta forma defendendo um realismo informacional, Floridi encara que “o mundo é a totalidade dos objetos informacionais interagindo dinamicamente uns com os outros” assim tudo no mundo é informação e o que distingue um objeto de outro é a sua forma de organizar a informação ou como ele mesmo chama *inforq*.<sup>16</sup>

A teoria que dará forma aos próximos capítulos se refere ao pensamento de Rafael Capurro, na verdade toda esta primeira parte já ronda grande parte do que o mesmo propõe no que diz respeito a essa retomada histórica da contextualização do conceito informação.

---

<sup>14</sup> Informação – uma contribuição para a fundamentação etimológica e da história das ideias do conceito de informação.

<sup>15</sup> *Hermenêutica da especialidade da informação*

<sup>16</sup> Embora o pensamento de Floridi seja de grande importância para a filosofia da informação, este não será abordado mais do que já apresentado, não seria possível seguir uma segunda linha de pensamento que se distancia do escopo desse trabalho, entretanto para uma próxima investigação pode-se entender o pensamento de Floridi via seus textos disponibilizados em seu site [www.philosophyofinformation.net](http://www.philosophyofinformation.net)

## CAPÍTULO 2

### 2.1 – Os paradigmas informacionais na visão de Rafael Capurro

Em 1972 Rafael Capurro se dirigia para Alemanha para estudar documentação na LID<sup>17</sup> (CAPURRO 2010). Nessa época a relação entre a filosofia e a documentação era muito vaga e não tão importante, os primeiros artigos publicados a respeito da ética da informação foram escritos por Stephan Schwarz em 1970. Cerca de quinze anos depois Stephan diretor do Royal Institute of Technology Library convidara Capurro para dar uma série de conferências em Estocolmo sobre o conceito de informação desde um ponto de vista epistemológico até o ético. Capurro apresentou então em 1985 uma conferência com o título “epistemology and information Science” a qual segundo Capurro: “Foi a primeira vez que falei sobre a relação entre hermenêutica e tecnologia da informação” (CAPURRO 2010). Tal conferência seria um ano depois aceita como seu projeto para o pós-doutorado a qual resultou em sua tese *Hermenêutica da Informação científica*.

Nesta tese Capurro indicaria desde o ponto de vista hermenêutico que o conhecimento está ligado a ação mostrando os pressupostos e as consequências no que diz respeito aos processos cognitivos e práticos relacionados com a busca das informações científicas armazenadas em computadores assim como os designs destes sistemas e sua relação com a sociedade. Para tanto Capurro se atenta para a necessidade de esclarecer dois pontos, o primeiro em relação aos paradigmas científicos o segundo é compreender a sua relação com as ciências da informação. Sua tese é que a ciência da informação nasce em meados do século XX com um paradigma físico o qual quando questionado por um enfoque cognitivo, idealista e individualista, sendo este por sua vez substituído por um paradigma pragmático e social tornaria esta ciência uma epistemologia social.

Capurro parte da definição proposta por Griffith para se orientar no que diz respeito ao conceito de ciência da informação, no texto “Key papers in information Science” Griffith anuncia que:

A ciência da informação está relacionada com a geração, coleção, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação,

---

<sup>17</sup> Lehrinstitut für Dokumentation

transformação, e uso da informação, com especial ênfase na aplicação das modernas áreas de tecnologia<sup>18</sup>. (GRIFFITH, 1980)

Entretanto Capurro vê a partir desta conceituação a importância de uma investigação mais abstrata, uma reflexão epistemológica que mostre os campos de aplicação de cima a baixo, onde se possa identificar a diferença entre o conceito de informação nesta ciência no que diz respeito ao uso e a definição de informação em outras ciências assim como em outros contextos como cultura e política, ou mesmo em outras épocas.

Para se chegar ao estado de compreensão panorâmico em que se encontra as ciências da informação a qual Capurro se propõe a investigar é de suma importância averiguar os paradigmas vivenciados no século XX. Capurro compreende que o século XX vivenciou duas críticas epistemológicas, a primeira se refere a hermenêutica que ora desenvolvida por Hans-Georg Gadamer, teve seus principais caminhos abertos por Schleiermacher e Dilthey, seguido por Husserl e Heidegger. Em contraposição tem-se fortes influências do racionalismo crítico de Karl Popper, e num segundo momento a teoria de ação comunicativa de Habermas. Capurro encara que o ponto crucial em tais críticas se dá no problema da separação entre as metodologias das ciências humanas e do espírito – *Geisteswissenschaften* com as ciências naturais – *Naturwissenschaften*, de maneira que esta segunda tem como finalidade a explicação causal dos fenômenos naturais enquanto as primeiras se interessam pela compreensão ou interpretação dos fenômenos especificamente humanos. Capurro constata que ambas as correntes afirmam, embora opostas, uma mesma coisa, um caráter interpretativo do conhecimento, entretanto é na hermenêutica que se tem uma relação maior entre o conhecimento e a ação, ou seja entre epistemologia e ética. No que diz respeito às ciências da informação, estas correntes implicaram em uma influência em sentido especial quando se trata da compreensão dos processos relacionados com armazenamento e busca de informação.

As ciências da informação têm em seu escopo o estudo dos problemas relacionados com a transmissão de mensagens ligados juntamente aos aspectos sociais e culturais tanto do mundo humano como agora de um mundo digital, esse

---

<sup>18</sup> Information science is concerned with the generation, collection, organization, interpretation, storage, retrieval dissemination, transformation and use of information, with particular emphasis on the applications of modern technologies in these areas

caráter tecnológico é mais recente advindo do impacto da computação nos últimos anos. Capurro compreende que essas ciências vivem em três paradigmas. O primeiro é compreendido com um *paradigma físico*, a qual diz em sua essência que existe um objeto físico a qual um emissor transmite a um receptor, ou seja a já abordada teoria de Shannon não é só um exemplo mas uma teoria chave – *cornerstone* para esse paradigma. O segundo diz respeito a um *paradigma cognitivo* no sentido em que se trata de ver de qual forma os processos informativos se transformam no qual o usuário é entendido em primeiro lugar como sujeito cognoscente com modelos mentais do mundo exterior que são transformados durante os processos informacionais. O paradigma cognitivo considera a informação como algo separado do usuário e considerando este simplesmente como sujeito cognoscente sem levar em conta as condições materiais e sociais que fazem parte do existir humano.

Por fim no *paradigma social*, Capurro resgata Bernd Frohmann quando este diz que “a construção social dos processos informativos se dá na constituição social das ‘necessidades dos usuários’, de ‘armazenamento de conhecimento’ e padrões de produção, transmissão distribuição e consumo de imagens.” (FROHMANN 1995). Capurro encara assim que a informação não pode ser somente encarada aquém de um sujeito, como cápsulas cognitivas numa base de sistemas tecnológicos, mas um sistema que sustente as características citadas por Frohmann no uso do conhecimento sendo este um marco em um grupo social. Dessa forma um conhecimento só seria informativo na sua relação a um pressuposto já conhecido e compartilhado com outros para os quais a informação poderá ter um caráter novo ou relevante.

Esse caráter está intimamente relacionado às aplicações hermenêuticas como paradigma para a ciência da informação, operando em uma diferenciação entre pré-compreensão, oferta de sentido e seleção tomando como marco de referência não a pré-compreensão de um sujeito ou usuário isolado, mas de uma comunidade determinada tal como em um campo de conhecimento, ou ação a qual o usuário está inserido. O que faz Capurro adentrar em uma diferenciação entre a mensagem que oferta um sentido da informação que o seleciona, resultando assim no que ele irá chamar de teoria da mensagem ou *angelética*.

## 2.2 Angelética: A teoria da mensagem e dos mensageiros de Rafael Capurro

Para Rafael Capurro as mensagens no meio digital estão diretamente impactando nas atividades sociais, como cultura, política ou economia, desta maneira ele compreende a sociedade atual como uma “*message society*” (CAPURRO DATA). Desta forma a *angelética* se apresentaria como um paradigma entre as ciências e a sociedade do século XXI. Entretanto antes de qualquer configuração paradigmática o próprio Capurro levanta a questão “O que é uma mensagem?”. Uma pergunta dessas envolve mais do que somente um estudo sobre os meios e as mídias, como também dos signos e das interpretações, de maneira que a *angelética* se torna assim um campo envolvido com os estudos da mídia, semiótica e sobretudo hermenêutica, pois a transmissão de uma mensagem não é se não pressuposição da interpretação.

Para isso Capurro alega necessitar de uma abordagem interdisciplinar, de maneira que entra em cena o que ele vem nomear de “*Angelética*”. Nesse mesmo texto Capurro indica que a palavra grega *angelia* significa mensagem. Desta forma nós usamos a palavra anjo para representar o mensageiro divino, em uma antiga tradição o estudo desses mensageiros era denominado angelologia, entretanto essa tem como preocupação a mensagem divina enquanto a proposta *angelética* de Capurro está sumariamente interessada nas mensagens e mensageiros humanos naturais.

Em *Angeletic – A message theory*<sup>19</sup>, Capurro inicia seu texto retomando Claude Shannon indicando que a sua teoria matemática da comunicação é antes de tudo não uma teoria sobre a transmissão da informação, mas a transmissão da mensagem, de forma que Shannon usa o termo mensagem, no sentido de “conhecimento comunicativo” embora a teoria de Shannon se refira a uma teoria comunicacional, suas ideias são mais simpáticas aos estudos da informação e da mensagem, enquanto informação refere-se a um número de escolhas binárias com a função de criar ou codificar a mensagem. Essa linha entre informação e mensagem é cada vez mais tênue, entretanto embora a mensagem e a informação estejam relacionadas elas não são totalmente idênticas conceitualmente. Capurro cita quatro pontos que procuram conceituar e diferenciar mensagem e informação:

---

<sup>19</sup> Messages and Messengers – Angeletics as an Approach to Phenomenology of Communication



- Uma mensagem é dependente do mensageiro, isto é, que se baseia numa estrutura heteronômica ou assimétrica. Este não é o caso da informação: nós recebemos uma mensagem, mas pedimos por uma informação,
  - Supõe em uma mensagem trazer algo de novo e / ou algo de relevante para o receptor. Este também é o caso da informação,
  - Uma mensagem pode ser codificada e transmitida através de diferentes meios de comunicação ou mensageiros. Este também é o caso da informação
  - A mensagem é um enunciado que dá origem a seleção do receptor através de um mecanismo de liberação ou interpretação.<sup>20</sup>
- (CAPURRO 2003a)

Essa diferenciação é importante já que Capurro em sua teoria irá tratar de algumas questões sobre o conceito de mensagem em diferentes níveis, sobretudo como fenômenos humanos ou de organismos vivos não-humanos. Nesta distinção Capurro demonstra a necessidade de interpretação da mensagem em uma relação essencial encontrada nos processos de comunicação informacional; a qual responde sempre a uma mensagem sendo ela um sinal com significado que é emitido uma vez que tenha ou não sido solicitado.

Para essa construção da mensagem, Capurro retoma e segue a construção já feita por Luhmann, que quando trata de comunicação, apresentada na teoria dos sistemas, sintetiza a mesma, na unidade da mensagem, informação e compreensão:

“[...] nós diferenciamos entre mensagem (‘Mitteilung’), isto é, a ação de oferecer algo (potencialmente) significativo para o sistema social (‘Sinnangebot’) e informação (‘Information’), isto é, o processo de selecionar um significado a partir de diferentes possibilidades oferecidas pela mensagem, e também compreensão (‘Verstehen’), isto é, a integração do

---

<sup>20</sup> “A message is sender-dependent, i.e. it is based on a heteronomic or asymmetric structure. This is not the case of information: we receive a message, but we ask for information, a message is supposed to bring something new and/or relevant to the receiver. This is also the case of information. A message can be coded and transmitted through different media or messengers. This is also the case of information. A message is an utterance that gives rise to the receiver’s selection through a release mechanism or interpretation.” (CAPURRO 2003a)

significado selecionado com o sistema, como as três dimensões da comunicação em um sistema social.”<sup>21</sup> (CAPURRO 2003a)

Entretanto particularmente para Capurro a mensagem possui em sua natureza três características; imperativa, indicativa ou opcional. Imperativa se refere a mensagem como um comando, indicativa se refere a uma realidade enquanto a optativa se refere a possibilidade ou um desejo. As mensagens são encaradas de uma maneira específica como os atos de fala (Austin) com a qual tem uma determinada tarefa em atuar sobre o receptor. Dessa forma adquirem um caráter pragmático na comunicação, entretanto não somente de maneira imperativa, os objetos podem também serem apreendidos de maneira indicativas, ou que se refere a realidade, ou optativa, referente a uma possibilidade ou desejo.

*Angelética* e hermenêutica estão de certa maneira bem relacionadas, no sentido em que as duas tem em seu significado um caráter mitológico que se refere a um mensageiro. Como já dito *angelos* é o mensageiro divino da cristandade, já Hermes é o mensageiro dos deuses gregos<sup>22</sup>. Capurro neste contexto verifica uma tensão existente no que se refere a esse lado mítico da *angelia* em contraposição ao *logos* filosófico, tratando de alguns exemplos dessa relação na tradição partindo dos gregos. Em Homero, quando Zeus olha para o seu filho Hermes e pede que esta vá até Calipso tem-se a seguinte passagem;

“[...] para Hermes voltando-se, o filho querido, lhe fala: ‘*Hermes – já estás habituado a servir-me nas minhas mensagens*’ dizes a Calipso, de tranças bem feitas, nosso proposito irrevogável da pátria o divino Odisseu voltar logo.”  
<sup>23</sup>(HOMERO 2011; grifo meu)

Em seu texto *Theorie der Botschaft* Capurro aponta a interpretação gadameriana do verbo *hermeneuein* como um “anunciar, interpretar, traduzir, esclarecer e expor” (CAPURRO 2011) entretanto “O anúncio de Hermes não é simples comunicar, mas é o expor e esclarecer de ordens/recomendações divinas.” Como

<sup>21</sup> “[...] we make a difference between message (“Mitteilung”) i.e., the action of offering something (potentially) meaningful to a social system, information (“Information”) i.e., the process of selecting meaning from different possibilities offered by a message, and understanding (“Verstehen”), i.e., the integration of selected meaning within the system, as the three dimensions of communication within social systems.” (CAPURRO 2003a, p.34 Apud LUHUMANN 1987, 193-196)

<sup>22</sup> Um interessante texto sobre o tema foi escrito por John Holgate co-autor do livro *Messages and Messengers* de Rafael Caapurro. Nele Holgate escreve um capítulo dedica a explorar as questões das mensagens e da angelética junto ao que ele chama de Hermesian Paradigm.

<sup>23</sup> Ἑρμεία, σὺ γὰρ αὐτε τά τ' ἄλλα περ ἄγγελός ἐσσι,

pode ser observado em uma segunda passagem da Odisseia quando Hermes finalmente se dirige a Calipso justificando a ida ao seu encontro não por sua vontade mas por uma ordem:

“Deusa, perguntas a um deus a razão de sua vinda. Vou logo, por tal motivo, a verdade dizer-lhe, uma vez que o desejas. Vim aqui contra a minha vontade, *por Zeus sou mandado*; pois quem, por gosto, atravessa tão grande extensão do mar salso e o infindo espaço?” (HOMERO 2011; grifo meu)<sup>24</sup>

Capurro se atenta para uma característica da mensagem nesse contexto mítico o qual ele chama de um caráter vertical da mensagem. As mensagens dos deuses ou as que vinham dos palácios ou campos de batalha eram sempre construções de mensagens em uma estrutura de cima para baixo. Outro exemplo que Capurro fornece está no uso de *angelia* no âmbito político, no livro das “Leis” de Platão que é utilizada de forma imperativa. A contraposição deste caráter é a que ele denomina horizontal e que se dá justamente no logos filosófico, na mensagem filosófica dois dos três caracteres são possíveis, o indicativo ou o optativo. Também no cristianismo tem-se uma retomada ao termo *angelia* entretanto de uma forma semelhante ao texto homérico, possui um caráter sacro. A *angelia* no cristianismo se dá pelo *euangellion*; a boa nova, o anunciar de algo alegre. Essa mensagem divina “é comunicada aos homens por homens inspirados por Deus (profetas) ou por homens enviados por Cristo (apóstolos).” (CAPURRO 2011). Tal como os mensageiros na figura dos anjos, os quais na idade média são considerados como “inteligências separadas”. (CAPURRO 2011).

No que diz respeito da maneira a qual o processo de troca de mensagens se da, Capurro considera os seguintes princípios:

“[...] nem o emissor, nem o mensageiro, nem o receptor têm qualquer tipo de certeza de que suas ações irão atender à situação ideal que se configura como:

- um(a) emissor(a) endereça a um(a) receptor(a), enviando a ele / ela uma mensagem que é nova e relevante para ele / ela, isto é, ele / ela segue o princípio do respeito,
- um(a) mensageiro(a) traz a mensagem sem distorções para o(a) receptor(a), isto é, ele / ela segue o princípio da confiança,

---

<sup>24</sup> Ζεὺς ἐμέ γ' ἠνώγει δεῦρ' ἐλθέμεν οὐκ ἐθέλοντα:

- um(a) receptor(a) se reserva o direito do julgamento, baseado no princípio da interpretação, sobre se a mensagem é verdade ou não, isto é, ele / ela segue o princípio da reserva”.<sup>25</sup> (CAPURRO 2011)

A mensagem é compreendida como um conceito heterônimo, ou seja dependente do emissor, entretanto isso somente é possível caso haja uma oferta de sentido. A mensagem traz para aquele que a recebe algo de novo e de surpreendente, – ou as vezes ruídos, o que de certa maneira gera ai uma incerteza, pois isso requer um processo de compreensão. Isso quer dizer que “em última instância, que a escolha de uma oferta de sentido se dá sempre tendo como plano de fundo um sistema imanente de concepções.” (CAPURRO 2011). Capurro configura assim a relação entre a mensagem e o receptor da seguinte maneira:

O receptor compreende uma mensagem, à medida que ele faz uma diferenciação entre mensagem e informação. Ele pode duvidar da mensagem ou rejeitá-la, à medida que ele pode interpretá-la deste ou daquele modo. A heteronímia da mensagem está em face, portanto, da autonomia do intérprete. Comunicação é, então, a unidade de mensagem, informação e compreensão. (CAPURRO 2011)

O objetivo da *angelética* é analisar a natureza da mensagem em sua função de suporte para a comunicação, onde qualquer processo de transmissão de mensagens pressuponha esse caráter hermenêutico onde o emissor e o receptor tenham algo em comum em sua base de entendimento. Na realidade Capurro encara a *angelética* com a hermenêutica e com a semiótica da seguinte maneira:

“[...] angelética opera na diferença de emissor/receptor com base na crença de entendimento, ou mais genericamente, de um processo de seleção entre dois sistemas possíveis. A hermenêutica opera entre a diferença do pré-entendimento e a interpretação baseada na crença de que o que é objeto no processo de interpretação tem sido transmitido com sucesso, ou seja, se ofereceu para o receptor como um objeto de seleção. A semiótica preocupa com todo o processo pelo qual um signo, que pretende significar e que o

---

<sup>25</sup> “[...] neither the sender, nor the Messenger, nor the receiver have any kind of certainty that their actions will fit the ideal situation in which: 1) a sender addresses a receiver, sending him/her a message that is new and relevant for him/her, i.e., he/she follows the *principle of respect* 2) a messenger brings the message undistorted to the receiver, i.e., he/she follows the *principle of faithfulness* 3) a receiver reserves judgment, based on a process of interpretation, about whether that message is true or not, i.e., he/she follows the *principle of reservation*.” (CAPURRO 2003)

interprete deve selecionar são vistos como uma estrutura de auto-organização dinâmica.”<sup>26</sup> (CAPURRO 2011)

Para Capurro se pretendemos entender nossas vidas, incluindo os diversos tipos de processo artificiais e naturais as quais estamos inseridos – característica particular da atualidade, deve-se abordar as questões fundamentais tanto da comunicação quando da artificialidade a partir de um ponto de vista digital. Capurro leitor de Heidegger aponta que em *Ser e Tempo* Heidegger se refere a compreensão humana tal como um círculo hermenêutico ou produtivo, para ele o que é importante não é sair do círculo mas sim entrar de maneira adequada.

Dessa forma Capurro enxerga que; o que caracteriza tal círculo é a hibridização do digital nos diversos níveis da existência humana, para ele o que a sociedade atual procura é a melhor forma de se entrar nas redes digitais, de maneira que o círculo hermenêutico se apresenta com uma “metáfora-chave” (CAPURRO 2009) da filosofia para as redes digitais. Entretendo essa compreensão implica em uma transformação daquilo que Gadamer chama de “*fusão de horizonte*” quando o nosso horizonte de significados se funde com o horizonte a qual o texto está situado, para uma “ligação” da relação entre os mensageiros da rede digital. Deste modo a hermenêutica digital está para além da tarefa clássica da hermenêutica como uma teoria da interpretação passando a uma dimensão da teoria da mensagem, ou *angelética*.

Desta forma Capurro encara que toda interpretação pressupõe um processo de transmissão de mensagens, assim com o texto que deve ser interpretado e que tem que ser previamente transmitido e anunciado. Dessa forma toda hermenêutica pressupõe uma *angelética*. Vemos que este caráter mensageiro da comunicação e da interpretação é justamente o que a *angelética* tem por intenção analisar e a qual se dispõe como uma tarefa não menos complexa atingindo um largo alcance tal qual a hermenêutica no século passado. Dessa maneira a *angelética* tem se diferenciado da hermenêutica por um caráter eminentemente prático. Não se trata somente de uma

---

<sup>26</sup> “angeletics operates with the sender/receiver difference based on the belief that understanding or, more generally, that a selection process between two systems is possible. Hermeneutics operates with the difference between pre-understanding and interpretation based on the belief that what is object of the process of interpretation has been successfully transmitted, i.e., offered to the receiver as an object of selection. Semiotics is concerned with the whole process by which a sign, what it intends to signify and what the interpreter is supposed to select are viewed as a dynamic, self-organising structure”

questão de compreensão mas das provocações uma troca no receptor. Desta forma a relação entre emissor e receptor é enriquecida e pode ser concebida analogamente de um círculo hermenêutico a um círculo *angelético*. Pois, todo receptor é um emissor em potencial assim também como todo o emissor é um receptor em potencial e por isso que a dimensão ética é mais imediata na *angelética* do que pensava Gadamer com respeito a hermenêutica.

## CAPÍTULO 3

### 3.1 A hermenêutica Digital

Capurro verifica o estado problemático da hermenêutica ao enfrenta hoje os desafios decorrentes ao desenvolvimento da tecnologia digital, o desafio da internet para a hermenêutica refere-se principalmente a sua relevância social para a criação, comunicação e interpretação do conhecimento. Para Capurro a informação é a forma final do conhecimento na modernidade. Ele abastecer esse argumento com três aspectos que para ele são reveladores do fim da modernidade:

Primeiro o abandono da ideia de que o pensamento racional ou científico são qualitativamente superiores a todos os outros tipos de discursos, em segundo lugar o abandono da ideia de subjetividade humana em oposição a objetividade, em que a intersubjetividade e os aspectos contextuais exerçam mínimas funções; E por fim o abandono da ideia – platônica, de que o conhecimento é algo separado do conhecedor. Na realidade Capurro aponta de essas posições em especial a última são atribuídas ao pensamento de Husserl, mas que também são características fundamentais no fenômeno informacional, de maneira que a informação pode ser descrita como a forma de conhecimento final da modernidade. Isso por que com o abandono da primazia da racionalidade científica, o conhecimento via informação torna-se fragmentado, parcial e dependente da referência. Além do mais, a informação é agora um princípio acessível a todos, o conhecimento moderno é algo comum e compartilhado por toda a comunidade. Por fim a tecnologia da informação divulga todos os tipos de conhecimentos o tempo todo e a todos, tornando-se assim um meio separado do conhecedor.

Em um resgate a uma citação do livro *Weakening Philosophy: Essays in Honour of Gianni Vattimo* de Santiago Zabala encontra-se um trecho de Richard Rorty o qual apresenta esse distanciamento platônico, diz ele:

“A maioria das contribuições distintas para o pensamento filosófico é a sugestão de que a internet fornece um modelo para as coisas em geral – que o pensamento sobre a World Wide Web nos ajuda a ficar longe do essencialíssimo platônico, a busca de naturezas subjacentes, para nos ajudar a ver tudo como uma rede em constantes mudanças de relações. O resultado

da adoção deste modelo é o que Vattimo chama de “uma ontologia fraca, ou melhor uma ontologia do enfraquecimento do ser [...]”<sup>27</sup> (ZABALA 2007)

Deste modo Capurro encara que além da questão hermenêutica o impacto do digital afeta o humano não só em níveis sociais mas também o próprio ser, no que se refere a sua constituição ontológica e existencial em vias digitais. O digital não é centralizado e muito menos é movido por um princípio teleológico. O digital está presente na vida cotidiana e está integrado a existência corpórea de todos os usuários, uma vez que é verdadeiro que mudamos a tecnologia vale também que essa nos transforma. Ou seja não se pode mais falar sobre a questão da tecnologia digital somente como uma ferramenta sem levar em consideração o seu impacto em todos os níveis do nosso ser-no-mundo.

Capurro acredita que o nosso “espírito da época” é o de que o sentido do Ser é amplamente interpretado em uma perspectiva digital, a razão para isto é de que a tecnologia digital permite uma “desobjetivação” dos processos humanos de interpretação sem ser necessariamente contra eles. Diz ele no texto Contribuições para uma Ontologia Digital: “Se esta interpretação do Zeitgeist (espírito da época) é correta podemos dizer que hoje vemos a realidade no horizonte de sua digitabilidade. [...] Num nível diário esta crença tem efeitos muito banais: se alguém não está presente na rede é como se não existisse!”. (CAPURRO 2009).

Esse conceito de interpretação no âmbito digital é encarado por Capurro como uma tarefa hermenêutica que se desdobra não só em uma interpretação de códigos digitais mas de uma compreensão do ser-mesmo. Para isso deve-se compreender que essa ideia de uma hermenêutica conectada as técnicas digitais implicam em uma troca, ou melhor, de uma passagem do logos falado e escrito ao arithmos digital, ou seja de uma passagem da linguagem natural e seus processos de interpretação para a conjunção da programação digital que opera os processos linguísticos. Isto por um lado significa para Capurro um questionamento da posição anti-tecnológica da hermenêutica filosófica e por outro a compreensão de que os sistemas tecnológicos não seriam capazes de sustentar o que ele chama de “um único horizonte da qual se

---

<sup>27</sup> “Most distinctive contributions to philosophical thinking is the suggestion that the Internet provides a model for things in general – that thinking about the World Wide Web help us to get away from Platonic essentialism, the quest for underlying natures, by helping us see everything as a constantly changing network of relations. The result of adopting the model is what Vattimo calls ‘a weak ontology, or better, an ontology of the weakening of being’”. (ZABALA 2007)



possa interpretar a essência da realidade e o sentido do ser.” (CAPURRO 2010). De maneira que Capurro não toma partido nem para um humanismo anti-tecnológico quanto para uma metafísica digital, entretanto coloca-se em uma perspectiva de questionamento do que se poderia chamar de um *humanismo digital* ao investigar as questões da interpretação e aplicação da técnica digital no âmbito humano.

### 3.2 Ontologia Digital

Com base na ideia de uma interpretação perante o digital Capurro afirma que a hermenêutica digital é se não antes construída em bases de uma ontologia digital, tal conceito foi desenvolvido junto a Michael Eldred<sup>28</sup>. Capurro distingue através do pensamento heideggeriano a ontologia, como Capurro se refere *ontologia fundamental*, a qual implica na compreensão do sentido do ser – do homem, e metafísica que responde a concepção do ser dos entes, não correspondendo assim a reflexão sobre as condições do conhecimento humano. Deste modo cultura e técnica seria para Capurro interpretado a partir de um sentido ontológico. A ontologia digital é uma possível compreensão do ser por parte do conhecimento humano, é pensar uma cultura digital. Sua proposta é pensar uma interpretação do ser visto a partir da sua *digitabilidade*, entretanto Capurro alerta que tal ontologia corre o risco de se transformar em uma metafísica do digital no momento em que acreditamos ser esta a única e verdadeira resposta pela pergunta do ser.

Para tal construção Capurro retorna novamente aos gregos clássicos e aos estudos filosóficos primeiramente para refletir sobre a questão dos signos, pois são estes, base para a atual técnica digital. Capurro se dispõe a refletir como a categoria de signo pertence ao ente; sendo ela ou num sentido metafísico ou como uma propriedade de um tipo de ente, e qual tipo de ente. Capurro entende que a filosofia clássica pensou o signo no primeiro sentido, quando este retoma a Aristóteles indicando que “O máximo ente é paradoxalmente um signo ou um pensar que se indica ou se pensa a si mesmo, ‘*nóesis nóeseos nóesis*’ disse Aristoteles” (CAPURRO 2009).

---

<sup>28</sup> Uma indicação aprofundada sobre o tema se encontra nos livros de Eldred e Capurro; *The Digital Cast of Being e Digital Whoness: Identity, Privacy and Freedom in the Cyberworld*.

Capurro se interessa antes de ao propor algum possível código fundamental, investigar o sentido se signo, sinal e símbolo que, segundo ele hoje tendem a desaparecer quando reduzidas a meras relações formais e abanando seu caráter pragmático mundano fundamental. Para isso ele retomar Heidegger quando este analisa em *Ser e Tempo* – e a partir da análise de Husserl, o chamado “indicação de signo” “*Verweisung und Zeichen*”. O signo “*Zeichen*” é se não uma característica geral dos entes, o qual se pode distingui-los de outros sinais, através da indicação “*Verweisung*”. Essa indicação no pensamento de Heidegger é explorada por Capurro no sentido do fundamento ontológico na relação mundana e pragmática a qual pertence o conjunto de *instrumentos* “*Zeug*” que são utilizados na vida diária.

Capurro procura uma investigação das origens de sua ontologia a partir do curso sobre o Sofista de Platão ministrado por Heidegger entre 1924 e 1925. Neste curso Heidegger aponta uma determinação originária em Aristóteles para o número para a constituição do ente mesmo. Desta forma o *arithmós* ganha um significado ontológico fundamental na estrutura do ente da mesma maneira que o logos. Entretanto tanto quanto na ontologia grega quanto na ontologia digital a relação dos números com os entes naturais no caso grego a *physis*. Capurro indica que o ente digitalizado, ou em sua potência de ser digitalizado não tem lugar próprio enquanto concebido como número, ao passo que, consideramos agora os parâmetros de espaço e tempo através do meio digital. Dessa forma para Capurro a *rede* constitui ontologicamente não um mundo, mas um local onde o homem tem a possibilidade e a permanência junto a outros entes que são eternos em tal local.

A pergunta ao tentar propor uma ontologia digital para Capurro é “de que maneira nós habitamos um mundo em que é *interpretado* ontologicamente a partir desse horizonte?”. Capurro encara que a ontologia digital está no exercício de pensar tanto um código quanto um meio, e este corresponde a rede digital e global a qual “possui” o nosso ser-no-mundo, nas diversas possibilidades de envio-troca-recepção. Essa estrutura é particularmente mais “ativa” no seu questionamento do que se comparada as estruturas hierárquicas que os meios de massa “analógicos” se apresentavam, em uma perspectiva horizontal. Capurro entende a rede mundial e interativa como o conceito hegeliano de “*Authebung*” num sentido de superar essa antiga perspectiva.

Num geral o projeto capurriano se propõe dentro de uma complexidade própria, oferecer a possibilidade em um meio digital. Capurro observa que atualmente o mundo vive a partir de uma matemática e uma lógica bastante desenvolvida, entretanto sem uma ontologia que carrega o sentido do uno, de maneira que o uno é somente apreciado de maneira lógica. O desenvolvimento de uma ontologia digital embora sob um constante receio da possibilidade de uma metafísica digital, para Capurro terá mais influência do que o materialismo dos dois últimos séculos. Para concretizar esses indícios de uma proposta de ontologia digital Capurro escreve da seguinte maneira, a respeito não só da ontologia mas de sua teoria num geral:

Se recordarmos a palavra grega para mensagem, ou seja, *angelía*, podemos dizer que estamos confrontados com uma nova situação *angelética* cujo fundamento seria a ontologia digital. Chamo *angelética* a ciência que se ocupa deste fenômeno cujo código é mensagem/mensageiro (Capurro 2003). A hermenêutica como teoria do compreender pressupõe este fenômeno. A perspectiva digital do ente em sua totalidade (*hólon*), ou seja, a tese de que tudo o que é somente o admitimos em seu ser enquanto o compreendemos no horizonte digital, é o cerne desta ontologia. Embora tenha claro que este projeto de interpretação do ser não é o único, não se transforma em uma metafísica digital (Capurro 2009).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva capurriana trata relevantes propostas para um pensamento filosófico que se dispõe a pensar a questão informacional. Primeiramente, porque sua busca sempre está em ligação com a cultura e o uso a qual fazemos dela, no sentido da ética, da linguagem por exemplo. Capurro traz sempre uma luz pragmática e uma importância semântica as quais a ciência – e talvez principalmente as ciências da informação haviam descartado, ou melhor enquadrado em uma cama de Procusto.

Particularmente a perspectiva sobre a mensagem, que muito rica dispõe abertura para a investigação futura, tanto nos já desenvolvidos estudos da ética quanto em possibilidades mais distantes, tal como um olhar para a carga mítica e mística que a palavra carrega dentro da mitologia grega ou do cristianismo, e também como já faz Capurro na compreensão da relação árabe com a filosofia ocidental pelo caminho da mensagem. Também pode-se contar com a possibilidade de um aprofundamento nas questões políticas, econômicas e sociais, já que o mundo é hoje *informacionalmente* conectado.

O projeto capurriano embora bastante didático é extenso e com muitas nuances, de fato explorar todas as possibilidades de seu pensamento seria uma tarefa árdua e para toda uma vida, já apresentado em sua obra que começa a ser datada desde a década de oitenta do século passado. Entretanto suas perspectivas gerais apontam para, primeiramente uma afirmação do caminho que a filosofia deva percorrer neste novo mundo, em seguida perceber e compreender como o uso das técnicas digitais estão e são partes da vida humana hoje.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRUCE, Harry. Emerging frameworks and methods: proceedings of the Fourth International Conference on Conceptions of Library and Information Science, Seattle, 2002. Ed. by Harry Bruce, Raya Fidel, Peter Ingwersen and Pertti Vakkari. Greenwood Village, CO: Libraries Unlimited, 2002.

CAPURRO, Rafael. (1992). Hermeneutics and Informatics. In Christiane Floyd, Heinz Züllighoven, Reinhard Budde and Reinhard Keil-Slavik (Eds.): Software Development and Reality Construction. Berlin: Springer, p. 363-375.

\_\_\_\_\_. (2003a). Angeletics – A Message Theory. In Hans H. Diebner & Lehan Ramsay (Eds.): Hierarchies of Communication. Karlsruhe: ZKM, p. 58-71.

\_\_\_\_\_. (2003b), Hjørland, B. (2003): The Concept of Information. In: B. Cronin (Ed.): Annual Review of Information Science and Technology, Medford, New Jersey, Vol. 37, 343-411.

\_\_\_\_\_. (2009). Contribuições para uma ontologia digital. Publicado In: Jaimir Conte, Oscar Federico Bauchwitz (eds.): O que é metafísica? Atas do III Colóquio Internacional de Metafísica. Natal: UFRN, 2011, 321-337.

\_\_\_\_\_. (2010). Ensayo autobiográfico en diálogo con Prof. Rafael Capurro. Perspectivas em Ciência da Informação, v.15, n.3, p.255-272, set./dez. 2010

\_\_\_\_\_. (2011); John Holgate (eds.): Messages and Messengers. Angeletics as an Approach to the Phenomenology of Communication. Von Boten und Botschaften. Die Angeletik als Weg zur Phänomenologie der Kommunikation, ICIE Schriftenreihe Bd. 5, München: Fink 2011.

CHRISTIAN, Brian. O humano mais humano : o que a inteligência artificial nos ensina sobre a vida / Brian Christian ; tradução Laura Teixeira Motta. 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

CICERO : De Oratore. [S.l.]: Cambridge University Press, 2011. (Cambridge Greek and Latin Classics, l. 3).

FLORIDI, Luciano. Information, a very short Introduction. Oxford: Oxford, 2010.

FROHMANN, Bernd. Knowledge and power in information science: toward a discourse analysis of the cognitive viewpoint In. Journal of Documentation, Vol. 48, No. 4, 1992, 365-386.

\_\_\_\_\_. Documentation Redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. Library Trends 52:3 (2004), pp. 387-407.

GLEICK, James A informação: Uma história, uma teoria, uma enxurrada / James Gleick ; tradução Augusto Calil — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

HAYLES, N. Katherine. How we became posthuman : virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics / N. Katherine Hayles.

HOMERO (c. século viii a.C.) Odisseia. / Homero. Tradução e introdução de Carlos Alberto Nunes. – São Paulo: Hedra, 2011.

\_\_\_\_\_. The Odyssey with an English Translation by A.T. Murray, PH.D. in two volumes. Cambridge, MA., Harvard University Press; London, William Heinemann, Ltd. 1919.

ILHARCO, Fernando. Intencionalidade e Diferença: Uma aproximação Fenomenológica à Interação Acção/Comunicação/Informação VI Congresso Lusófono de Ciências da Comunicação - [www.cccc2004.ubi.pt](http://www.cccc2004.ubi.pt)

\_\_\_\_\_. Filosofia da Informação: Alguns problemas fundadores. II Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação – [www.cccc2004.ubi.pt](http://www.cccc2004.ubi.pt)

LOGAN, Robert K. Que é informação? : a propagação da informação na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econosfera / Robert K. Logan; tradução Adriana Braga. – Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2012.

ROBREDO, Jaime. Filosofia e Informação? – Reflexões. Versão expandida da Palestra apresentada no Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, em 6 de agosto de 2010, no quadro dos Seminários do Grupo de Lógica e Filosofia da Ciência. RICI: R.Ibero-amer. Ci. Inf., ISSN 1983-5213, Brasília,v. 4, n. 2, p. 1-39, ago./dez.2011.

SHANNON, Claude E. A Mathematical Theory of Communication. Reprinted with corrections from The Bell System Technical Journal, Vol. 27, pp. 379–423, 623–656, July, October, 1948

Thomas Aquinas, M. J. Charlesworth - 2006 - Summa Theologiae: Volume 15, The World Order: 1a. 110-119

ZABALA, Santiago (2007). Introduction: Gianni Vattimo and Weak Philosophy. In *ibid.* (Ed.): *Weakening Philosophy. Essays in Honour of Gianni Vattimo.* Montreal & Kings  
THE POWER OF IMAGES: